

- X -

O PAPEL DA ESCOLA PARA A FORMAÇÃO DA INFÂNCIA NA SOCIEDADE DE CONSUMO

Dheborá Umbelino

dheborasumbelino@gmail.com

Gláucia Uliana Pinto

glaucauliana@gmail.com

Universidade Metodista de Piracicaba – PPGE

Programa de Pós-Graduação em Educação

Piracicaba – Brasil

Auxílio financeiro CAPES

Introdução

O presente texto é parte de um trabalho de mestrado em andamento, que tem como temática o papel da escola para a formação da infância na sociedade de consumo, tomando como objeto de estudo o **“Manual de Educação para o consumo sustentável”** do MMA¹/MEC²/IDEC³, com o objetivo de refletir sobre o modo como este documento oficial vêm orientando práticas educacionais para formar os sujeitos nessa direção, considerando que é justamente na escola que os conhecimentos são organizados e compartilhados de forma consciente, planejada e intencional, ao contrário das relações cotidianas, conforme nos fala Vigotski (2001) e os autores da pedagogia histórico-crítica, em suas teses sobre a importância da escola para o desenvolvimento da consciência (MARTINS, 2013; DUARTE, 2013; SAVIANI, 2013).

Para a análise documental, o método baseia-se nos pressupostos do materialismo histórico dialético, pelo modo de compreender o existente captando sua essência e historicidade, movimentos e contradições. Assim, focalizando o documento, composto principalmente por pequenos textos sobre conceitos científicos (alimentos, água, biodiversidade, lixo, transportes, energia, publicidade), bem como proposições de atividades para os alunos a partir destes textos, algumas questões embasam as primeiras problematizações: **1)** Como uma proposta que objetiva a conscientização de um movimento sustentável se constrói? **2)** Pela elucidação de quais conceitos? Quais atividades pedagógicas? Por um manual? Considerando o que preconiza a abordagem histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica sobre a importância das atividades escolares se organizarem pelos conhecimentos clássicos, científicos, eruditos,

¹ Ministério do Meio Ambiente.

² Ministério da Educação.

³ Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor.

afirmamos que o papel da escola é disponibilizar o conhecimento historicamente construído para a compreensão do próprio movimento da sociedade e suas implicações para a sociedade sustentável.

Desenvolvimento do trabalho

Compreende-se neste trabalho que a infância não pode ser entendida abstratamente, mas, pelas relações sociais e históricas estabelecidas. Portanto, a criança é um ser social, fruto das múltiplas interações produzidas pelos homens. Além disso, a infância atual inserida na cultura do consumo, regida pelo forte apelo para a obtenção de mercadorias, tem reduzido a criança a um corpo consumidor. Para Ghiraldelli Jr.:

Ser criança é ter corpo que consome coisa de criança. Que coisas são estas? Primeiro, coisas que a mídia define como tendo sido feitas para o corpo da criança. Segundo, coisas que ela define como sendo próprias do corpo da criança. Respectivamente, por um lado, bolachas, danoninhos, sucos, roupas, aparatos para jogos, etc., por outro, gestos, comportamentos, posturas corporais, expressões, etc. Ser criança é algo definido pela mídia, na medida em que é um corpo-que-consome-corpo (GHIRALDELLI, JR., 1996, p. 38).

Importa ainda ressaltar que a criança, conforme nos diz Vigotski, não prescindiu da escola para ampliar suas possibilidades de generalizar e de pensar por conceitos, desenvolvendo o pensamento por intermédio dos conhecimentos que os sujeitos podem (ou não) se apropriar na escola. Portanto, um processo que ocorre via instrução escolar, em que gradualmente os conhecimentos científicos são produzidos e apropriados, participando da possibilidade dos alunos lerem e compreenderem o mundo. Afinal, estes “são os portões através dos quais a tomada de consciência penetra no reino dos conceitos infantis” (VIGOTSKI, 2001).

Com argumentos pautados em atos de cidadania, já em sua apresentação o documento destaca que a construção de uma sociedade sustentável se trata de uma tarefa educacional inadiável e imprescindível afim de que se **“aproxime a informação do consumidor, desde a sua mais tenra idade”** (MMA/ MEC/ IDEC, 2005, p. 06). Nesse sentido, vale salientar que o documento traz propostas pedagógicas e exercícios de sala de aula, referindo-se ao aluno como consumidor e ao conhecimento como informação, indiciando sua contradição: o aluno que precisa forma-se enquanto sujeito é visto como consumidor, por intermédio de um manual informativo que não aborda conhecimentos historicamente desenvolvidos pela humanidade. Segundo Mészáros (2008), quando argumenta sobre os ideais que orientam as políticas educacionais na sociedade capitalista, diz do consenso que se formou sobre o direito à escola pública, gratuita e de qualidade para todos, por outro lado, destaca o quanto essa instituição necessita concomitantemente explicitar concepções de mundo e de ensino, de projetos educacionais que acabam negando tal premissa, incutindo em suas propostas tamanha organização e controle que acabam por massificar o ensino, o que vai contra seus ideais democráticos. Constituído-se em um “porta-voz” da desigualdade quando deixa explícita a lógica de formação para o trabalho em

detrimento da formação crítica. Distanciando-se do que de fato cabe a escola, como aponta Duarte (2001), ou seja, a formação integral pela emancipação crítica dos sujeitos, para torná-los agentes transformadores contínuos da sociedade em que vivem pelo compartilhamento de saberes. A mesma sociedade que tem no horizonte a preparação da grande massa como fonte produtiva de trabalho para cumprir as metas de desenvolvimento econômico, objetivando continuamente a manutenção do sistema produtivo, alimentando o ciclo do consumo e da produção; ao mesmo tempo que “pretende” disseminar um discurso voltado a construção de uma sociedade sustentável.

Ao apresentar exercícios prontos para execução do professor em sala de aula, com o intuito de despertar a consciência ambiental dos alunos, sugere que aos educadores compete a orientação de dinâmicas pedagógicas pré-estabelecidas, capacitações, treinamentos técnicos, aplicação de exercícios. Entretanto, problematiza-se que tal proposta estaria exatamente destituindo o professor de seu papel formador e político. O documento também sugere que as dinâmicas pedagógicas serão mais eficazes quando procedentes de contextos das próprias vivências, valores e percepções culturais, sociais, econômicas e ambientais dos sujeitos a quem se destina.

Evangelista (2014) aponta, ao analisar documentos que visam estruturar sistemas de ensino e formar professores para determinados fins, o modo como vêm se pautando muito mais em jargões ideológicos do que de fato pelo interesse com a construção da cidadania dos sujeitos, além do que, muito pouco se fala sobre produção de conhecimento e seu acesso pelos estudantes.

Considerações finais

Conclui-se que educação escolar vem se revestindo do mesmo utilitarismo demandado pelo mercado ao reduzir o ensino, por exemplo, aos cuidados básicos de higiene com a casa conforme aparece no tópico “água” do documento (p. 30). A formação de cidadãos conscientes, tão caros ao sonho da sociedade sustentável, consolida-se com o professor compartilhado e construindo conhecimento na sala de aula, pela mediação dos conceitos científicos, necessários à formação. Problemática que se intensifica considerando que a criança ainda precisa, pela mediação pedagógica, construir e pensar por conceitos: produção e consumo, desejos e necessidades. Enquanto isso, a mídia tem se encarregado do lugar de “educar” com seus próprios valores e ícones simbólicos, de intenso apelo afetivo para as crianças, traduzindo tais conceitos conforme lhes for conveniente.

Referências

CONSUMO SUSTENTÁVEL: Manual de educação. Brasília: Consumers International/ MMA/ MEC/ IDEC, 2005. 160 p.

DUARTE, N. As pedagogias do “aprender a aprender” e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento. **Revista Brasileira de Educação, ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, número 18, p. 35-40, set/out/nov/dez de 2001.

DUARTE, N. O debate contemporâneo das teorias pedagógicas. In: MARTINS, L.;

DUARTE, N. Vigotski e a pedagogia histórico-crítica: a questão do desenvolvimento psíquico.

Nuances: Estudos sobre educação, Presidente Prudente, SP, v. 24, n. 1, 2013, p. 19-29.

EVANGELISTA, O. (Org.) **O que revelam os slogans na política educacional**. 1. ed. Araraquara – SP: Junqueira e Marin, 2014.

GHIRALDELLI, P. Jr. Pedagogia e infância em tempos neoliberais. In: GHIRALDELLI (Org).

Infância, educação e neoliberalismo. São Paulo: Cortez, 1996.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2013.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2013.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.